INSTITUTO SUPERIOR MIGUEL TORGA

Escola Superior de Altos Estudos

ESTUDO PRELIMINAR DE ADAPTAÇÃO E VALIDAÇÃO DA ESCALA DE TOLERÂNCIA À INFIDELIDADE: associação com variáveis sociodemográficas, relacionais e de infidelidade, autocriticismo e autocompaixão

Andreia Filipa Vaqueiro Domingues

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

Ramo de Especialização em Terapias Cognitivo-Comportamentais

Coimbra, 2016

ESTUDO PRELIMINAR DE ADAPTAÇÃO E VALIDAÇÃO DA ESCALA DE TOLERÂNCIA À INFIDELIDADE: associação com variáveis sociodemográficas, relacionais e de infidelidade, autocriticismo e autocompaixão

Andreia Filipa Vaqueiro Domingues

Dissertação Apresentada ao ISMT para Obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica

Ramo de Especialização em Terapias Cognitivo-Comportamentais

Orientadora: Professora Doutora Mariana Marques

(Professora Auxiliar Convidada, ISMT)

Coimbra, outubro de 2016

Agradecimentos

À Professora Doutora Mariana Marques, pela enorme partilha de conhecimento, pelo espírito crítico e disponibilidade para ajudar me sempre que precisei, estando sempre recetiva para quaisquer dúvidas que surgissem. Agradeço do fundo do coração todo o empenho, incentivo, motivação e confiança e tempo depositado em mim para concluir este percurso.

Aos meus pais por estarem sempre ao meu lado em todas as lutas da minha vida, por me apoiarem e acreditarem em mim, à minha irmã e à minha avó que sempre demonstraram o seu orgulho em mim e me deram força para continuar, pois sem eles não seria capaz de concretizar os meus objetivos.

Queria agradecer a todos os que contribuíram para participar neste estudo, pois sem eles não seria possível concretizá-lo.

À minha melhor amiga Rita por me ouvir nos momentos difíceis, pela partilha de ideias, por me fazer acreditar em mim, para me dar coragem para seguir em frente e lutar cada vez mais. Agradeço todo o seu amor incondicional depositado nesta etapa repleta de desafios.

À Vanessa por me acompanhar tantas vezes na elaboração desta dissertação ajudando-me em muitas das dúvidas surgidas. Agradeço por todo o tempo, carinho e confiança.

À Sara que me ajudou a recarregar energias e a aliviar a mente.

A todos os meus amigos que estiveram presentes nos bons e maus momentos, e me apoiaram em todo este meu percurso, ajudando-me a ultrapassar todos os obstáculos que foram surgindo ao longo deste último ano de mestrado.

Resumo

Introdução: Em Portugal, não encontrámos estudos e instrumentos que avaliassem, para a população portuguesa, a tolerância à infidelidade. Assim, este estudo preliminar teve como principal objetivo avaliar e adaptar para a população portuguesa a *Escala de Tolerância à Infidelidade (*ETI). Pretendemos também explorar as associações entre a tolerância à infidelidade, diferentes variáveis sociodemográficas, relacionais e relativas à infidelidade, o autocriticismo e a autocompaixão.

Método: A amostra ficou composta por 223 participantes (sexo feminino, n = 155; 69,5%), com idades entre os 18 e os 67 anos, que preencheram um protocolo constituído por um questionário sociodemográfico e com questões relacionais e relativas à infidelidade e pela *Escala de Tolerância à Infidelidade* (ETI), *pela Escala de Autocompaixão* (SELFCS) e pela *Escala das Formas do Autocriticismo e de Autotranquilização* (FSCRS).

Resultados: A versão adaptada para a população portuguesa da Escala de Tolerância à Infidelidade mostrou apresentar duas dimensões: *tolerância à infidelidade sexual* e *tolerância à infidelidade emocional.* Ambas as dimensões revelaram boa consistência interna: tolerância à infidelidade sexual (α = 0,896) e tolerância à infidelidade emocional (α = 0,878). A dimensão *tolerância à infidelidade sexual* revelou boa estabilidade temporal e a dimensão *tolerância à infidelidade emocional* muito boa estabilidade temporal. Não se verificaram diferenças nas duas dimensões de tolerância à infidelidade por sexo, embora tenham sido encontradas diferenças em algumas dimensões da SELFCS e da FSCRS. Os participantes casados ou em união de facto apresentaram pontuações mais elevadas na *tolerância à infidelidade sexual*, por oposição com os solteiros, viúvos, separados e divorciados. Quem relatou não ter tido dificuldade em perdoar uma situação de infidelidade apresentou maior *tolerância à infidelidade sexual* e *emocional*, do que quem expressou dificuldade em perdoar.

Discussão: A Escala de Tolerância à Infidelidade mostrou possuir boas características psicométricas, pelo que pode ser considerada válida para ser usada como instrumento para a população portuguesa. Este estudo mostrou, também, que estar casado ou coabitar com alguém parece associar-se a maiores níveis de tolerância à infidelidade sexual e que quem tem maior dificuldade em perdoar uma situação de infidelidade, de forma congruente, apresenta menor tolerância à infidelidade. São discutidas hipóteses para os resultados encontrados.

Palavras-chave: tolerância à infidelidade sexual, tolerância à infidelidade emocional, Escala de Tolerância à Infidelidade; autocriticismo; autocompaixão.

Abstract

Introduction: In Portugal, we did not find studies and instruments that evaluate tolerance to infidelity for the Portuguese population. Therefore, the aim of this preliminary study was to adapt and validate the Tolerance to Infidelity Scale (TIS) for the Portuguese population. We also aim to explore the associations between the tolerance to infidelity and different sociodemographic, relational and regarding infidelity variables, self-criticism and self-compassion.

Methods: The sample consisted of 223 individuals (women, *n* = 155; 69,5%), with ages between 18 and 67 years old, who filled out a protocol which consisted of a questionnaire with sociodemographic, relational and regarding infidelity questions, as well as the *Tolerance Infidelity Scale* (TIS), the *Self-compassion Scale* (SELFCS) and the *Forms of Self-criticizing/Attacking and Self-Reassuring Scale* (FSCRS).

Results: The Tolerance Infidelity Scale adapted for the portuguese population showed two dimensions: tolerance to sexual infidelity and tolerance to emotional infidelity. Both dimensions revealed good internal consistency: tolerance to sexual infidelity (α = 0,896) and tolerance to emotional infidelity (α = 0,878). The tolerance to sexual infidelity presented good temporal stability and the tolerance to emotional infidelity very good temporal stability. Gender differences were not found in dimensions belonging to tolerance to infidelity, however, differences were found in some of the dimensions of SELCS and FSCRS. Participants who were married or in a civil union scored higher in tolerance to sexual infidelity, in contrast with participants that were single, widows, were separated and divorced. Participants who reported not having difficulties in forgiving an infidelity situation, presented higher tolerance to sexual and emotional infidelity, in comparison to who expressed difficulty in forgiving.

Discussion: The Tolerance to Infidelity Scale showed good psychometric properties, therefore it can be considered valid to be used as an instrument with the Portuguese population. This study also showed that being married or cohabiting appears to be associated to higher levels of tolerance to sexual infidelity and that people who present a harder time in forgiving an infidelity situation, consequently reveal lower tolerance to infidelity tolerance. Hypotheses about the results that are found are discussed.

Keywords: tolerance to sexual infidelity; tolerance to emotional infidelity; Tolerance to Infidelity Scale; selfcriticism; selfcompassion.

1.Introdução

A literatura tem mostrado que a prevalência da infidelidade é elevada nas relações românticas no contexto de casamento (20% a 60%) (Wright e Glass, 1992) e de 69% no contexto de namoro (Allen e Baucom, 2006), embora a sua incidência seja mais elevada nos homens (Martins et al., 2015). Nesta linha, a infidelidade representa uma das principais causas de divórcio e término das relações amorosas (Buss e Shackelford, 1997), acarretando diversas repercussões emocionais, intrapessoais e interpessoais (Lou, Carton e Snider, 2010).

Existe ainda pouco consenso quanto à definição de infidelidade (Blow e Harnett, 2005). Segundo Drigotas e Bartas (2001), a infidelidade caracteriza-se pela rutura de dadas regras que são estabelecidas com o parceiro ao nível da intimidade emocional e física. Deste modo, a relação monogâmica é definida pelo facto do estabelecimento da intimidade emocional e física ser aceitável apenas entre as pessoas envolvidas na relação (Luo, Carton e Snider, 2010), havendo, assim, exclusividade para com o parceiro da relação primária (Treas e Giesen, 2000). A quebra desta regra resulta na perda de confiança por parte do parceiro que foi traído e na instabilidade relacional/conjugal (Fife, Weeks e Stellberg-Filbert, 2013).

Por sua vez, Glass e Wright (2002, cit. in Martins, 2012) referem a existência de dois tipos de infidelidade: emocional (na qual o parceiro estabelece um vínculo emocional e de afeto com outra pessoa através do *flirting*, intimidade e enamoramento) e sexual (na qual pode ocorrer envolvimento sexual com outro parceiro fora do relacionamento primário, e/ou a possibilidade de contacto físico através do beijo, carícias e do toque).

A infidelidade no contexto das relações românticas pode ser abordada partindo de várias abordagens teóricas, como a teoria evolucionária, que procura explicar as diferenças de género em relação ao comportamento sexual (Buss, 1995; Buss et al., 1999). Assim, esta teoria refere que, em consequência dos diferentes desafios com os quais o homem e a mulher ancestrais se depararam, foram desenvolvidas diferentes respostas de ciúme. Buss e colaboradores (1999) propõem o constructo de ciúme específico inato para explicar estas diferenças entre sexos quanto à infidelidade. De acordo com esta teoria, os homens ancestrais encaravam a incerteza paternal como um problema adaptativo. Neste caso, a traição traduzir-se-ia na impossibilidade de passar o seu património genético. Assim, o ciúme inato funcionava como um mecanismo adaptativo na infidelidade sexual, já que diminuiria a probabilidade de ser traído pela parceira (Buss et al., 1999; Carpenter, 2012). Por outro lado, as mulheres ancestrais necessitavam de garantir os seus recursos (de carinho, proteção, conforto) para si e para os seus descendentes, acabando por desenvolver ciúme inato em relação à infidelidade emocional. Vários

andreiafvd@hotmail.com

investigadores realizaram estudos com o objetivo de verificar as diferenças de género quanto à infidelidade e tolerância perante a mesma.

Investigadores como Hall e Fincham (2006) realizaram um estudo (amostra composta por 34 mulheres e 54 homens) em que 74,7% dos participantes apontaram como causas do término do relacionamento o envolvimento extradiádico, restando apenas uma pequena parte (25%) que indicou que a relação conjugal terminou devido a outras razões. Já Martins (2012), num estudo nacional com 494 participantes, verificou que 22,8% das mulheres referiram ter sido infiéis e 29,1% dos homens relataram tê-lo sido também. Marks, Janseen e Milhausen (2009) relataram, numa amostra de 918 participantes, envolvimento sexual fora da relação em 19,2% das mulheres e 23,2% dos homens. Atkins (2001) numa amostra de 3000 jovens licenciados salientou uma maior probabilidade das mulheres se envolverem emocionalmente, fora da relação, do que em termos físicos e/sexuais (ao contrário dos homens que apresentam maior probabilidade de se envolverem sexualmente do que emocionalmente).

Drigotas, Saftstrom e Gentilia (1999) salientam diversos motivos para a infidelidade: insatisfação na relação, interesse sexual, contexto social, atitudes-normas e vingança-hostilidade. Martins (2012) no seu estudo encontrou que os motivos para infidelidade apontados pelos homens foram o sentido de oportunidade (50%) e o aborrecimento na relação (54,7%). O principal motivo referido pelas mulheres foi a infelicidade na relação (54,7%). Porém, foram identificados outros motivos como a infidelidade do parceiro, falta de atração pelo parceiro, desinteresse sexual ou falta de sexo e vontade de terminar a relação, em ambos os géneros (Martins, 2012). Já Allen e Baucom (2006) identificaram, ainda, num estudo com cerca de 504 estudantes, sentimentos de negligência e solidão. Verificaram, também, que indivíduos que namoravam tinham níveis mais baixos de arrependimento em relação aos indivíduos casados após uma situação de infidelidade.

Vários estudos (Atkins, Baucom e Jacobson, 2001; Buss e Shackelford, 1997; Shackerford, Besser e Goetz, 2008) encontraram uma associação entre a satisfação conjugal (em ambos os sexos) e o envolvimento extraconjugal: níveis mais baixos de satisfação conjugal aumentam a tendência para o parceiro beijar outra pessoa, ter um encontro romântico e/ou um caso sério. Mark, Janseen e Milhausen (2009) encontraram uma relação entre níveis mais baixos de felicidade, satisfação e compatibilidade sexual e infidelidade.

Situações de traição ou de infidelidade são bastante penalizadas na cultura ocidental. Um estudo realizado nos Estados Unidos da América (Smith, 1994, cit. in Treas e Giesen, 2000) mostrou que 90% dos americanos desaprovavam sempre ou quase sempre, do ponto de vista

andreiafvd@hotmail.com

moral, o envolvimento extraconjugal. Lavelle (2013) define tolerância à infidelidade como dizendo respeito ao facto de o(a) parceiro(a) permanecer na relação após a traição. Vários estudos abordam a associação entre envolvimento extraconjugal e sua tolerância. O estudo de Flanignan (2007), numa amostra de 1321 jovens do sexo feminino, encontrou uma relação entre traição e término da relação. Mostrou, também, existir maior probabilidade de sair do relacionamento quando o(a) parceiro(a) é traído (14,8%), em comparação com o(a) parceiro(a) que traí (12,6%), havendo ainda maior tendência a sair da relação quando ambos os parceiros traem e/ou são traídos (18,4%). No estudo português de Viegas e Moreira (2013) com uma amostra de 221 mulheres e 68 homens heterossexuais e homossexuais (entre os 18 e os 74 anos) os participantes condenaram mais o envolvimento sexual, por comparação com o afetivo, atribuindo uma gravidade maior quando este não se limitou a uma única relação sexual. Indivíduos que nunca estiveram numa relação ou que nunca namoraram revelaram desvalorizar o envolvimento emocional e sexual, por comparação com os indivíduos casados ou que coabitam. Shackelford (1997) num estudo com 214 indivíduos verificou maior probabilidade da relação terminar em função da gravidade do envolvimento do parceiro(a).

Alguns estudos debruçaram-se sobre as diferenças de sexo relativamente à tolerância à infidelidade. Lavelle (2013) numa amostra de 195 estudantes universitários (189 mulheres e 66 homens, com mais de 18 anos) verificou que existe maior probabilidade das mulheres terem níveis de tolerância à infidelidade emocional mais baixos, optando por sair da relação. Assim, as mulheres apresentam menos tolerância à infidelidade quando o parceiro admite ter sentimentos por um/a colega, o parceiro apaixonou-se por outra pessoa, sem ter havido contacto físico, o parceiro beijou outra pessoa com a qual sentiu uma ligação e o parceiro apaixonou-se por outra pessoa, sem ter havido contacto sexual. É, também, mais provável permanecerem na relação se estiverem casadas. Já os homens revelam ter mais tolerância à infidelidade emocional e menos tolerância à infidelidade sexual do que as mulheres (Lavelle, 2013). Shackelford e Buss (1997) numa amostra de 214 participantes (idade média de 25 anos) verificaram que os homens menos satisfeitos no relacionamento tinham mais tendência para pedir o divórcio caso a sua parceira beijasse outro homem, tivesse um encontro romântico e uma noite de sexo casual. Em relação às mulheres evidenciou-se que, quando existem níveis mais altos de conflito, é mais provável que estas saiam da relação caso o parceiro tenha sexo casual ou se envolva numa traição de curta duração. O estudo de Hall e Fincham (2006) reflete que os dois tipos de traição resultam mais na dissolução da relação do que a traição emocional isoladamente. No estudo efetuado por Shackelford, Buss e Bennett (2002), com 256 jovens estudantes, no caso de ambos os parceiros terem traído, o risco de terminar a relação existindo

andreiafvd@hotmail.com

envolvimento sexual e emocional foi maior nos homens do que nas mulheres. Igualmente, cerca de 61,9% dos homens e 22,0% das mulheres ficaram mais incomodados quando existiu envolvimento sexual (*versus* envolvimento emocional). O estudo empírico de Carpenter (2012) mostrou que, em ambos os sexos (homens e mulheres), a traição emocional era mais perturbadora do que a sexual. Já Urooj, Haque e Anjum (2015) e Lishner, Nguyer, Stocks e Zilmer (2008) referem que a traição sexual é a mais stressante em ambos os sexos. Harris (2003) numa amostra de 139 homens e 219 mulheres estudantes universitários verificou que os homens têm ciúmes em relação à infidelidade sexual e as mulheres à infidelidade emocional. Sagarin, Becker, Guadagno, Nicastle e Millevoi (2003) numa amostra de 513 participantes (307 mulheres e 206 homens) encontraram os mesmos resultados. Sabini e Green (2004) numa amostra de 102 mulheres e 80 homens concluíram que a maioria dos sujeitos fica mais incomodada com a infidelidade emocional e relata ser mais provável deixar o(a) parceiro(a) neste caso. Segundo Urooj, Haque e Anjum (2015), a insatisfação emocional e sexual predomina nos homens, aumentando os comportamentas extradiádicos (nas mulheres, predomina a insatisfação emocional).

Para além das diferenças de sexo, diversas variáveis influenciam a tolerância à infidelidade, como as variáveis situacionais, a personalidade (Blow e Harnnett, 2005; Lavelle, 2013), os estilos de vinculação (insegura), a satisfação na relação (Cann e Baucom, 2004) e a dependência económica e emocional (Borsntein, 2006). Níveis fracos de compromisso e os conflitos (Flanignan, 2007) também influenciam a dissolução da relação amorosa. Por outro lado, a paixão, as recompensas emocionais e o compromisso levam a que o(a) parceiro(a) (principalmente as mulheres) permaneçam na relação. Blow e Harnnett (2005) referem, ainda, existir uma pressão cultural para as mulheres tolerarem a infidelidade, de forma a preservarem o casamento e a manterem a família unida.

Vários estudos sobre a temática da infidelidade/traição exploram, como já referimos, a probabilidade de o parceiro(a) sair ou permanecer da relação caso haja uma traição (no fundo, o constructo de tolerância à infidelidade). Porém, é importante reforçar que tolerância à infidelidade, não equivale a perdão face à infidelidade. Perdão não significa esquecer, tolerar ou desculpar (Butler, Dahlin e Fife, 2002, cit. in Fife, Weeks e Stellberg-Filbert, 2013). Esta define-se como uma decisão pessoal caracterizada pela libertação de sentimentos e atitudes negativas em relação ao parceiro e pela demonstração de compaixão (Baskin e Enright, 2004). Segundo McCullough, Worthington e Rachal (1997), o perdão diz respeito à motivação em ambas as pessoas, que se traduz no aumento da probabilidade na reconciliação. Sydner, Baucom e Gordon (2008) referem que os casais que apresentam dificuldades em perdoar

andreiafvd@hotmail.com

acreditam que perdoar implica ser-se fraco, significa tolerar e desculpar, existindo também a crença de que isso os deixa vulneráveis a experienciarem nova traição no futuro.

Gunderson e Ferrari (2008) concluem que para a mulher é mais fácil perdoar o parceiro quando a traição foi um incidente isolado. No estudo de Shackelford, Buss e Bennett (2002), 65,1% dos homens e 50,0% das mulheres consideram que é mais difícil perdoar a infidelidade sexual e 54,8% dos homens e 41,6% das mulheres terminariam a relação caso o parceiro(a) se envolvesse sexualmente com outra pessoa, especialmente quando os motivos incluíssem o parceiro ter-se apaixonado por outra pessoa, um forte vínculo emocional e ter tido relações sexuais de forma apaixonada. Amanto e Previti (2003) analisaram o perdão após o divórcio, verificando que os homens têm mais dificuldade em perdoar (57,9%) a infidelidade sexual. Já as mulheres consideram que é mais fácil perdoar a infidelidade sexual (41,3%) e mais difícil perdoar a infidelidade emocional (58%). Num estudo com uma amostra de jovens (71 homens e 69 mulheres) (Cann e Baucom, 2004), a infidelidade sexual e de preferência com um parceiro comprometido foi encarada com maior gravidade, pelo que se verificou que o perdão nestes casos é muito menor. Hall e Fincham (2006) verificaram que é menos provável as mulheres terminarem a relação depois de uma traição, precisando de menos tempo para perdoarem, sendo provável confiarem no marido futuramente. Porém, a ausência de um pedido de desculpas, a frequência da traição sexual e o facto de ter sido o parceiro a terminar a relação torna mais difícil o perdão. A maior capacidade das mulheres perdoarem deve-se a maiores sentimentos de preocupação, assertividade e empatia, em relação aos homens (Mark e Fraley, 2006). Urooj, Haque e Anjum (2015) e Shackerford e colaboradores (2002) acentuam que os homens têm dificuldade em perdoar a infidelidade sexual. Já as mulheres têm dificuldades em perdoar os dois tipos de infidelidade, mas sobretudo a emocional. Beltrán-Morillas, Valor-Segura e Expósito (2015), num estudo com 201 indivíduos (entre os 28 e os 72 anos) concluíram que as mulheres demonstram mais empatia, mais emoções negativas e maior dependência emocional em relação aos homens. Igualmente, níveis mais elevados de dependência emocional resultaram numa maior dificuldade em perdoar. Nos homens existe uma maior tendência para a vingança, o que também diminui o perdão. Os resultados deste estudo vão ao encontro do que é referido por Blatt, Afflitti e Quinlan (1975, cit. in Flanignan, 2007): pessoas com maiores níveis de dependência emocional veem-se como fracos e incompetentes, sendo ativados esquemas de abandono, aumentando a probabilidade de permanecerem na relação.

Em Portugal, segundo temos conhecimento, não existem estudos e/ou instrumentos que avaliem a tolerância à infidelidade, existindo apenas as seguintes escalas sobre o constructo de infidelidade adaptadas e validadas para a população portuguesa: Escala de Atitudes em Relação

andreiafvd@hotmail.com

à Infidelidade, Questionário Multidimensional de Comportamentos Extra-relacionais e Questionário de Conceção de Infidelidade.

Na sequência do imediatamente referido acima, segundo sabemos, nenhum estudo se debruçou sobre a associação entre infidelidade e tolerância à infidelidade e constructos derivados de teorias evolucionárias (nomeadamente a teoria das mentalidades sociais), como o autocriticismo e a autocompaixão. A teoria das mentalidades sociais tem por base uma perspetiva evolucionária, ou seja, a evolução de sistemas de formação de papéis sociais (eg: prestação de cuidados, sexuais e cooperativos) que nascem connosco e que ajudam os indivíduos a lidar com os desafios interpessoais com os quais se vão deparando (Gilbert, 2005). De facto, as mentalidades sociais resultam de um processo inato orientado para o estabelecimento de relações sociais positivas ou negativas que são desencadeadas através de determinados sinais sociais. Deste modo, quando estamos com os outros procuramos determinas mentalidades sociais que vão ao encontro do nosso eu (Gilbert e McGuire, 1998, cit in. Castilho et al, 2011). Gilbert (2005) refere-se a cinco tipos de mentalidades sociais: *procura de cuidados* - procura de relacionamentos interpessoais que possam satisfazer e responder aos sinais de cuidado e proteção; *prestação de cuidados* - inclui o investimento na relação e atenção dirigidas ao outro, que incluem satisfazer as suas necessidades e suprimir as suas emoções negativas; *formação de alianças*, implícita nas relações de cooperação através da promoção da amizade, partilha e supressão da agressão; *competição social ou ranking* social, envolvendo a competição por determinados papéis sociais, que pode ocorrer por duas vias distintas, a dominância e a submissão; por último, *sexual*, que envolve comportamentos que procuram manter o parceiro, bem como o desejo e reprodução, avaliando os ganhos e perdas reprodutivas.

Os constructos de autocriticismo e de autocompaixão (que vamos explorar em mais detalhe já de seguida) resultam das mentalidades sociais. O autocriticismo subjaz à mentalidade de *ranking social*, enquanto que a autocompaixão assenta na de *prestação de cuidados*. O autocriticismo incita o indivíduo a ativar um sistema de defesa, enquanto que a autocompaixão aposta na tolerância, expressão de afeto e cuidado dos outros (Gilbert, 1989, 1993, 2005c, cit in., Castilho et al, 2011). As necessidades de segurança, o desejo de manter a reputação e o medo da vergonha podem contribuir para a diminuição da autocompaixão e influenciar o aparecimento do autocriticismo na relação eu-outro, em função das experiências precoces com as figuras cuidadoras (Gilbert, Clark, Hempel, Miles e Irons, 2004).

Assim, o autocriticismo trata-se de uma relação eu-eu, na qual os indivíduos adotam uma postura crítica, pouco tolerante, punitiva e com uma conotação negativa em relação à sua

andreiafvd@hotmail.com

própria experiência em situações de falha, erro e desapontamento pessoal (Castilho, Gouveia e Amaral, 2010; Gilbert, Clarke, Hempel, Miles e Irons, 2004). De acordo com Gilbert (2004, cit. in Castilho e colaboradores, 2010), este construto apresenta diferentes formas e funções. Quanto às formas de autocriticismo, o *eu inadequado* refere-se a uma sensação de inadequação perante fracassos e derrotas, na qual o eu adota uma postura de autocrítica em relação às suas experiências. Já o *eu detestado* diz respeito a sentimentos de ódio e repugnância em direção a si mesmo, os quais resultam no desejo de maltratar e insultar o eu. Por outro lado, o *eu-tranquilizador*, mesmo em situações de derrota e de embaraço, centra-se na "capacidade" do eu se focar nos seus aspetos positivos, em compreender a sua própria condição e no encorajamento para o futuro. Por outras palavras, consiste na capacidade de o eu se tranquilizar em situações de falha ou fracasso pessoal, continuando a gostar e a cuidar de si próprio (Gilbert, Clarke, Hempel, Miles e Irons, 2004). Em relação às funções do autocriticismo o autor aponta para a de autocorreção e de autoperseguição/autoataque. As funções refletem os motivos pelos quais os indivíduos se autocriticam, sendo que a primeira tem como objetivo primário o aprimoramento do eu, de forma a evitar, no futuro, cometer os mesmos erros e falhas. A função de autocrítica do autoataque relaciona-se com o desejo de vingança e destruição de uma parte do eu que considera fraca e detesta, devendo por isso ser eliminada. Embora não tenhamos encontrado estudos que se centrassem na relação da autocrítica com a tolerância à infidelidade, um estudo (Pitman e Wagers, 2005, cit. in Flanignan, 2007) permitiu realçar que, no caso de uma traição, o indivíduo pode ter a crença de que não seria traído caso o(a) parceiro(a) o considerasse bonito(a) e encantador(a). Deste modo, face a uma traição, o indivíduo pode adotar uma visão negativa de si mesmo (inadequação e defeito) em relação ao eu.

Já a compaixão é um conceito antigo que deriva do budismo e do pensamento oriental filosófico, sendo relativamente recente no campo da psicologia. Na cultura ocidental, a compaixão era apenas considerada em relação aos outros, enquanto que na oriental (budista) é direcionada em relação ao eu e ao outro (Neff, 2003b). Nesta perspetiva, a compaixão envolve não só a consciência, uma abertura calorosa e desejo de aliviar o sofrimento dos outros, como a do eu, reconhecendo que experiências de inadequação ou fracasso fazem parte da experiência humana universal. Neste sentido, Neff (2003a) definiu a autocompaixão como uma atitude calorosa e de aceitação pelos aspetos negativos do *eu* ou da vida em geral, sendo constituída por três componentes básicos: *calor/compreensão (vs. julgamento)*, que corresponde à capacidade para ser amável e compreensível em relação a si mesmo, ao invés de adotar uma postura de crítica e de punição; *condição humana (vs. isolamento)*, consiste em compreender as experiências pessoais (de sofrimento e isolamento) como parte da experiência humana e o

andreiafvd@hotmail.com

mindfulness (vs. sobreidentificação), na qual o eu se centra na consciência equilibrada e aceitação dos pensamentos e sentimentos dolorosos, sem que ocorra um excesso de sobreidentificação ou supressão/evitamento com essas experiências ou pensamentos (Neff, 2003a;b). Por outras palavras, a autocompaixão pressupõe o bem-estar do eu, implicando a observação de modo consciente e atenta dos erros e inadequações, incentivando o indivíduo a mudar e a corrigir condutas disfuncionais ou dolorosas (Neff, 2003a). Deste modo, a autocompaixão pode ser uma estratégia de regulação emocional, já que envolve compreender que os erros, os fracassos e as inadequações fazem parte da condição humana. Assim sendo, os indivíduos colocam esta experiência humana numa perspetiva mais clara e equilibrada, permitindo com que as emoções negativas sejam aceites tal como são no presente, em vez de serem suprimidas ou evitadas (Neff, 2003a). Mais uma vez, tal como no que diz respeito ao autocriticismo, não foram encontrados estudos que focassem a associação entre a capacidade de se ser autocompassivo e compassivo com o outro e a tolerância à infidelidade.

Objetivos

Como já referido, em Portugal, são escassos os estudos e instrumentos de medida sobre a infidelidade e, em particular, sobre a tolerância à infidelidade. Segundo temos conhecimento, existem as seguintes escalas sobre o constructo de infidelidade adaptadas e validadas para a população portuguesa: Escala de Atitudes em Relação à Infidelidade (Melo e Afonso, 2011) Questionário Multidimensional de Comportamentos Extra-relacionais (QMCER) (Viegas e Moreira, 2013) e Questionário de Conceção de Infidelidade (Castro, Poeschl e Coimbra, 2010). Não encontramos nenhum instrumento que avalie especificamente a tolerância à infidelidade e esteja validado para a população portuguesa. Deste modo, é nosso principal objetivo oferecer um primeiro contributo para a adaptação e validação portuguesa da Escala de Tolerância à Infidelidade (ETI) de Lavelle (2013). Temos, ainda, como objetivos adicionais explorar potenciais associações entre a tolerância à infidelidade, diferentes questões sociodemográficas, relacionais e relativas à infidelidade e os constructos de autocriticismo e autocompaixão. Estudos mostram que as pessoas mais autocompassivas são mais empáticas, mais capazes de apresentar compaixão relativamente ao outro (Neff e Pommier, 2013) e menos críticas perante os momentos difíceis, erros ou falhas dos outros (Neff, 2003b), enquanto que pessoas mais autocríticas são tendencialmente mais críticas com o outro (Zuroff, Moskowitz e Côté, 1999) e tendem a criticar mais os seus erros, falhas e fracassos (Thompson e Zuroff, 2004). Assim, pareceu-nos interessante explorar a hipótese de uma menor tolerância à infidelidade poder estar associada a níveis maiores de autocriticismo e menores de autocompaixão.

andreiafvd@hotmail.com

2.METODOLOGIA

2.1.Procedimentos

Depois de definido o protocolo do presente estudo foram enviados vários pedidos de autorização aos autores: para adaptar e validar a Escala de Tolerância à Infidelidade (ETI) (Apêndice A e Apêndice B; Anexo 1); para usar diferentes instrumentos (SELFCS/Escala de AutoCompaixão e FSCRS/Escala das Formas de Autocriticismo e de Autotranquilização) (Apêndice C e D; Anexo 2 e 3). Todas as autorizações foram concedidas (Anexos 4, 5 e 6). Procedeu-se, de seguida, à adaptação da EIT. Após a autora da escala (Lavelle, 2013) ter facultado o instrumento, o mesmo foi traduzido para Português. Seguiu-se a sua retroversão. Quer a tradução, quer a retroversão foram realizadas por pessoas fluentes em inglês (autora e sua orientadora). Recorreu-se ao método da reflexão falada e junto de cinco jovens adultos recolheu-se *feedback* sobre o conteúdo e entendimento dos itens que compunham a ETI. Procedeu-se a alterações *minor* ao nível do conteúdo de alguns itens. Deu-se início, posteriormente, à recolha dos dados do presente estudo via online, através da plataforma Google Docs (tendo o estudo sido divulgado através do Facebook, onde constava o link de acesso para preenchimento do protocolo), destinando-se o mesmo a uma população com idade superior a 18 anos (pretendendo-se, então, recolher os dados junto de uma amostra de adultos). Verifica-se, portanto, que a amostra recolhida é não probabilística, por conveniência (Pais-Ribeiro,2010). O protocolo final ficou constituído por um questionário sociodemográfico, relativo a aspetos relacionais e a opiniões sobre a infidelidade (Apêndice F), pela ETI, pela SELFCS e pela FSCRS. A recolha decorreu de março a junho de 2016. Foram explicados os objetivos do estudo e assegurada a confidencialidade dos dados, tendo todos os participantes assinado um consentimento informado (Apêndice E). Para testar a estabilidade temporal da ETI, numa amostra distinta, composta por 29 adultos, a escala foi aplicada num primeiro momento (isoladamente, sem que se adicionasse os outros instrumentos do protocolo principal) e, após sensivelmente quatro semanas, foi administrada novamente. Estes participantes também assinaram um consentimento informado.

andreiafvd@hotmail.com

2.2.Instrumentos

2.2.1.Questionário sociodemográfico, relacional e sobre opiniões face à infidelidade (Apêndice F)

Este questionário ficou constituído por duas secções: a primeira secção permitiu recolher dados sociodemográficos como sexo, idade, escolaridade, profissão, orientação sexual, estado civil e agregado familiar e a segunda secção permitiu recolher dados relativos à relação e à opinião do sujeito quanto à infidelidade (e.g. relacionamento/casamento atual, tempo de duração da relação, satisfação no relacionamento, motivos para a traição e perdão, grau de conhecimento de infidelidade parental e do parceiro, grau de dificuldade em perdoar).

2.2.2.Escala de Tolerância à Infidelidade (*Infidelity Tolerance Scale*/ITS, Lavelle, 2013) (Apêndice A e Anexo 1)

A Infidelity Tolerance Scale foi desenvolvida por Lavelle (2013) com o objetivo de medir a permanência ou saída do parceiro(a) da relação amorosa após uma traição. A sua versão original é composta por 12 itens de auto-resposta que descrevem diferentes formas pelas quais o parceiro pode trair, com formato de resposta de tipo Likert de 7 pontos (1 - Extremamente provável deixar a relação; 4 - Misto/Neutro; 7 - Extremamente provável permanecer na relação) (Lavelle, 2013). Esta escala inclui itens que se destinam a medir a tolerância à traição emocional e à traição sexual (Lavelle, 2013). No estudo original, a escala demonstrou uma boa consistência interna, com um alfa de cronbach de α = 087 (Lavelle, 2013). Relativamente à dimensão tolerância à infidelidade sexual obteve-se um α = 0,78 e à dimensão tolerância à infidelidade emocional obteve-se um α = 0,73. Neste estudo, tal como descrito com mais pormenor na secção Resultados deste trabalho, a Escala de Tolerância à Infidelidade revelou boas propriedades psicométricas com um alfa de Cronbach de 0,896 para a dimensão tolerância à infidelidade sexual e de 0,978 quanto à dimensão tolerância à infidelidade sexual (valores bom e muito bom, segundo Pestana e Gageiro, 2008).

2.2.3.Escala de Autocompaixão (SELFCS, Self-Compassion Scale, Neff, 2003a; tradução e adaptação portuguesa de Castilho & Pinto Gouveia, 2011b) (Anexo 2)

A SELFCS é uma escala que foi desenvolvida e validada por Neff, em 2003, para avaliar a compaixão, incluindo os três componentes básicos: calor/compreensão versus autocrítica; condição humana versus *isolamento* e *mindfulness* versus *sobreidentificação* (Castilho et al., 2011b). É uma escala de autorrelato constituída por 26 itens de resposta, com respostas do tipo

andreiafvd@hotmail.com

Likert, com 5 pontos de resposta: 1 – Quase Nunca; 2 – Raramente; 3 – Algumas vezes; 4 – Muitas vezes e 5 – Quase sempre (Castilho et al., 2011b). Esta escala apresenta 6 subescalas: *calor/compreensão* (itens: 5, 12, 19, 23, 26), *autocrítica* (itens: 1, 8, 11, 16, 21), *condição humana* (itens: 3, 7, 10, 15), *isolamento* (itens: 4, 13, 18, 25), *mindfulness* (itens: 9, 14, 17, 22) e *sobreidentificação* (itens: 2, 6, 20, 24) (Castilho et al., 2011b). Em relação à cotação da escala, esta pode ser cotada de forma geral ou pelas subescalas. O cálculo é efetuado através da média dos itens que constituem a subescala/escala total, recorrendo à inversão dos itens 1, 2, 4, 6, 8, 11, 13, 16, 18, 20, 21, 24 e 25 (Neff, 2003a). A cotação final pode ser classificada da seguinte forma: baixa autocompaixão (intervalo de 1 a 2,5), moderada autocompaixão (intervalo de 2,5 a 3,5) e elevada compaixão (3,5 a 5).

Em termos de características psicométricas, o instrumento revelou bons índices de fiabilidade, sendo encontrados os seguintes resultados nas subescalas: α = 0,78, 0,77, 0,80, 0,70, 0,75 e 0, 81 (Neff, 2003a). A versão portuguesa revelou uma boa consistência interna, (α = 0,89 para a escala total e com valores de α = 0,84, 0,82, 0,77, 0,75, 0,73 e 0,68 nas escalas de c*alor/compreensão*, *autocrítica*, *condição humana*, *isolamento*, *mindfulness* e *sobreidentificação*) (Castilho et al., 2011b). No presente estudo obtivemos alfas de Cronbach com os seguintes valores 0,84, 0,80, 0,68, 0,78, 0,72 e 0,78, respetivamente, nas escalas já referidas (valores razoáveis e bons, na sua maioria, de acordo com Pestana e Gageiro, 2008).

2.2.4.Escala das Formas do Autocriticismo e de Autotranquilização (FSCRS,Forms of Self-Critizing/Attacking and Self-Reassuring Scale, Gilbert, Clarke, Hempel e Irons, 2004; tradução e adaptação de Castilho e Pinto Gouveia, 2011a) (Anexo 3)

A versão portuguesa da FSCRS destina-se a avaliar a forma como os indivíduos se autocriticam e autotranquilizam diante de situações de fracasso, falha e ineficácia pessoal (Castilho e Pinto Gouveia, 2011). Esta escala é constituída por 22 itens, organizada em três grandes subescalas: *eu inadequado* com 9 itens (1, 2, 4 6, 7, 14, 17, 18), que avalia os sentimentos de inadequação e inferioridade do indivíduo perante o fracasso, obstáculos e erros; o *eu tranquilizador* com 8 itens (3, 5, 8, 11, 13, 16, 19, 21), que face a um erro adota um comportamento mais positivo e de compaixão e o *eu detestado* distribuído em 5 itens (9, 10, 12, 15, 22), que avalia um sentimento de repugnância/ódio e perseguição do próprio *eu*. As respostas são tipo Likert, com 5 pontos de resposta: 0 – Não sou assim; 1 - Sou um pouco assim; 2 – Sou moderadamente assim; 3 – Sou bastante assim; e 4 - Sou extremamente assim. Na versão original, foram obtidos os seguintes valores de alfa de Cronbach: 0,90, 0,86 e 0,86 respetivamente no *eu inadequado, eu detestado e eu tranquilizador* (Gilbert et al., 2004).

andreiafvd@hotmail.com

A versão portuguesa de Castilho e Pinto Gouveia (2011) apresenta uma consistência interna muito boa. Os valores de alfa de Cronbach foram de 0,89, 0,62 e 0,87 para as respetivas subescalas: *eu inadequado, eu detestado e eu tranquilizador*. No presente estudo, esta escala também apresentou valores entre razoáveis e bons de alfa de Cronbach, nomeadamente de 0,88, 0,75e 0,89 nas diferentes subescalas, respetivamente.

2.3.Análise Estatística

Para a realização deste trabalho recorremos ao programa informático de análise estatística, o *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 19.0. Determinámos estatísticas descritivas, medidas de tendência central, dispersão, assimetria e achatamento.

Sendo nosso objetivo a adaptação e validação da Escala de Tolerância à infidelidade para a população portuguesa, tivemos de recolher uma amostra significativa. Kerlinger (1986) indica um número de dez sujeitos por cada item do instrumento. Atendendo a este critério necessitaríamos de 120 sujeitos, número este ultrapassado, uma vez que a nossa amostra é composta por 223 sujeitos. Realizou-se uma análise de componentes principais, seguida de rotação *Varimax* para componentes com *eigenvalues* igual ou superiores a 1 (seguindo-se as indicações de Pallant, 2007) e procedeu-se a cálculos relativos à fidelidade dos instrumentos de avaliação psicológica: coeficientes alfa de Cronbach (α) de consistência interna; α excluindo os itens e coeficientes de correlação entre cada item e o total (excluindo o item).

Os valores do α foram interpretados de acordo com os critérios de Pestana e Gageiro (2008): ‹0,6 – inadmissível; 0,6 a 0,7 - fraca; entre 0,7 e 0,8 razoável; entre 0,8 e 0,9 boa; superior a 0,9 muito boa. As estratégias usadas para extrair o número de fatores foram o critério de Kaiser (Kaiser, 1970, 1974) e o *scree test* de *Cattell* (Catell, 1966). Realizámos correlações de *Pearson* para testar a estabilidade teste-reteste. Para estudar a validade de construto realizamos as mesmas correlações para explorar associações entre as dimensões/fatores que emergiram da análise de componentes principais (tolerância à infidelidade sexual e tolerância à infidelidade emocional) com as dimensões dos instrumentos SELFCS e FSCRS. Recorremos a testes t de student, testes U de Mann Whitney e correlações de Pearson e Spearman (os testes paramétricos e não paramétricos foram utilizados em função do número de participantes por categoria) para testar associações entre as dimensões/fatores que surgiram com a análise de componentes principais e as diferentes variáveis sociodemográficas, relacionais e relativas à traição/infidelidade. Para classificar a magnitude das correlações seguimos os critérios de Cohen (1992): 0,01, baixa; 0,30, moderada e 0,50 elevada.

andreiafvd@hotmail.com

2.4. Participantes

A amostra final ficou composta por 223 participantes, adotando-se como critério de inclusão uma idade superior aos 18 anos. Na Tabela 1 apresentamos a caracterização sociodemográfica da amostra. A maioria dos participantes era do sexo feminino (*n* = 155; 69,5%) e a média de idades foi de 32,31 (*DP* = 11,45). A maioria dos participantes tinha uma licenciatura (*n* = 103; 46,2%) e em termos profissionais dominaram os estudantes (*n* = 61; 27,4%) e os Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas (*n* = 49; 22,0%). Quanto à orientação sexual, a maioria dos participantes referiu ser heterossexual (*n* = 214; 96%).

Tabela 1
Caracterização sociodemográfica da amostra

Sexo		***n***	***%***
Feminino		155	69,5
Masculino		68	30,5
	Total	223	100,0
Idade		***M (DP)***	**Intervalo**
Idade da amostra total		32,31 (11,45)	18-67
Escolaridade		***n***	***%***
1º Ciclo		1	0,4
2º Ciclo		1	0,4
3º Ciclo		5	2,2
Ensino Secundário		72	32,3
Curso Profissional		19	8,5
Licenciatura		103	46,2
Mestrado		18	8,1
Doutoramento		4	1,8
	Total	223	100,0
Profissão a)		***n***	***%***
Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresa		8	3,6
Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas		49	22,0
Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio		44	19,7
Pessoal Administrativo e Similares		10	4,5
Pessoal dos Serviços e Vendedores		23	10,3
Operários, Artificies e Trabalhadores Similares		8	3,6
Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores de Montagem		2	0,9
Estudantes		61	27,4
Desempregados		14	6,3
Reformados		4	1,8
	Total	223	100,0
Orientação Sexual		***n***	***%***
Heterossexual		214	96,0
Homossexual		3	1,3
Bissexual		5	2,4
Pansexual		1	0,4
	Total	223	100,0

n = frequência; % = percentagem; *M* = Média; *DP* = Desvio-padrão; a) Classificação Nacional das Profissões

andreiafvd@hotmail.com

Na Tabela 2 continuamos a apresentar os dados sociodemográficos da amostra. A maioria dos sujeitos referiu ser solteiro (*n* = 130; 58,3%) e referiu viver com três pessoas (familiares ou amigos) (*n* = 69; 30,9%).

Tabela 2
Caracterização sociodemográfica da amostra (continuação)

Estado Civil		***n***	***%***
Solteiro(a)		130	58,3
União de Facto		30	13,5
Casado(a)		43	19,3
Viúvo(a)		2	0,9
Separado(a)		2	0,9
Divorciado(a)		16	7,2
	Total	223	100,0
Agregado Familiar		***n***	***%***
0		4	1,8
1		40	17,9
2		44	19,7
3		69	30,9
4		51	22,9
5		13	5,8
6		2	0,9
	Total	223	100,0

n = frequência; % = percentagem; *M* = Média; *DP* = Desvio-padrão.

Nas Tabelas 3, 4 e 5 apresentamos dados relativos a aspetos relacionais e sobre infidelidade. A maioria dos sujeitos afirmou estar num relacionamento/casamento (*n* = 187; 83,9%), com uma duração média de 84,09 meses (*DP* = 100,87) (cerca de 7 anos), estando extremamente satisfeito com o mesmo (*n* = 45; 20,6%). A maioria referiu nunca ter traído (*n* = 164; 73,5%) e entre os que traíram, a maioria referiu ter-se arrependido (*n* = 18; 36,7%) (porém, a mesma percentagem de pessoas não respondeu a esta questão) e ter contado ao seu/sua companheiro/a ou marido/esposa (*n* = 17; 34,7%). O motivo mais para a traição foi a saturação com a relação atual (*n* = 11; 22,4%). Quanto ao número de parceiros traídos, a maioria dos participantes respondeu ter traído um parceiro *(n* = 20; 40,8%). Também a maioria confessou saber ter sido alguma vez traído (*n* = 90; 40,4%). Dos que foram traídos, a maioria não perdoou o/a companheiro/a (*n* = 56; 25,1%). Entre os que perdoaram, a maioria referiu tê-lo feito por amor (*n* = 11; 31,4%) mas admitiu ter sido difícil perdoar os seus parceiros(as) (*n* = 27; 75,0%).

andreiafvd@hotmail.com

Tabela 3

Dados relacionais e sobre infidelidade

Relacionamento/Casamento atual		***n***	*%*
Sim		187	83,9
Não		36	16,1
	Total	223	100,0
Tempo de duração da relação		***M (DP)***	***Intervalo***
		84,09 (100,87)	0-502
Satisfação no Relacionamento atual		***n***	***%***
1 Nada Satisfeito(a)		1	0,4
2		4	1,8
3		18	8,1
4		31	13,9
5		28	12,6
6		40	17,9
7 Extremamente Satisfeito(a)		45	20,6
	Total	168	75,3
Não responderam		55	24,7
	Total	223	100
Alguma vez traiu		***n***	***%***
Sim		49	22,0
Não		164	73,5
Quis trair, mas não o fiz		9	4
	Total	222	99,6
Não responderam		1	0,4
	Total	223	100
Arrependimento em relação à traição		***n***	*%*
Sim		18	36,7
Não		13	26,5
	Total	31	36,7
Não responderam		18	36,7
	Total	49	100,0
Contou ao companheiro(a)/marido/esposa		*n*	*%*
Sim		17	34,7
Não		15	30,6
	Total	32	65,3
Não responderam		17	34,7
	Total	49	100,0
Motivos para a traição		***n***	***%***
Apaixonei-me por outra pessoa		10	20,4
Saturação com a relação atual		11	22,4
Tempo curto da relação		5	10,2
Tempo longo da relação		2	4,1
	Total	28	57,1
Não responderam		21	42,9
	Total	49	100,0

n = frequência; % = percentagem; *M* = Média; *DP* = Desvio-padrão

andreiafvd@hotmail.com

Tabela 4
Dados relacionais e sobre infidelidade (continuação)

Quantos parceiros traiu (amostra total)		***n***	*%*
1		20	40,8
2		8	16,3
3		3	6,1
4		2	4,1
	Total	33	67,3
Não responderam		16	32,7
	Total	49	100
Alguma vez soube ser traído		***n***	***%***
Sim		90	40,4
Não		133	59,6
	Total	223	100,0
Perdoou o companheiro		***n***	***%***
Sim		36	16,1
Não		56	25,1
	Total	84	93,3
Não responderam		6	6,7
	Total	90	100,0
Motivos pelos quais perdoou		***n***	*%*
Amor		11	31,4
Dependência Emocional/Afetiva		10	28,6
Pelos filhos		1	2,9
Tempo longo da duração		2	5,7
Amor + pelo medo de ser julgado		1	2,9
Amor + dependência Emocional		5	14,3
Amor + pelos filhos		1	2,9
Amor + tempo longo da relação		3	8,6
Amor+ pelos filhos + tempo longo da relação		1	2,9
Não se aplica		2	5,7
	Total	35	100,0
Foi Difícil Perdoar		***n***	***%***
Sim		27	75,0
Não		8	22,2
	Total	35	97,2
Não responderam		1	2,8
	Total	36	100,0

n = frequência; % = percentagem; *M* = Média; *DP* = Desvio-padrão

Na Tabela 5 continuamos a apresentar dados relacionais e sobre a infidelidade. A maioria dos participantes respondeu que os pais não eram divorciados/separados (*n* = 163; 73,1%), mas quanto à pergunta se o divórcio/separação estava associado a uma situação de traição, a maioria referiu que sim (*n* = 22; 36,7%). A maioria dos sujeitos respondeu que não tentou conquistar outra pessoa, estando ela num relacionamento (*n* = 161; 72,2%) e que não foi bem-sucedido a conquistar outra pessoa, estando o/a próprio/a num relacionamento (*n* = 171; 76,7%). A maioria dos sujeitos referiu ter tentado conquistar outra pessoa estando o próprio num relacionamento (*n* = 130; 58,3%).

andreiafvd@hotmail.com

Tabela 5
Dados relacionais e sobre infidelidade (continuação)

Divórcio/Separação dos Pais		***n***	***%***
Sim		60	26,9
Não		163	73,1
	Total	233	100,0
Motivos da separação dos Pais foi a traição (amostra total)		***n***	***%***
Sim		22	36,7
Não		20	33,3
	Total	42	70,0
Não responderam		18	30
	Total	60	100,0
Tentativa de conquistar outra pessoa, estando ela num relacionamento		***n***	*%*
Sim		62	27,8
Não		161	72,2
	Total	223	100,0
Ser bem-sucedido a conquistar alguém, estando o próprio num relacionamento		***n***	***%***
Sim		52	23,3
Não		171	76,7
	Total	223	100,0
Conquistar outra pessoa estando o próprio num relacionamento		***n***	***%***
Sim		130	58,3
Não		93	41,7
	Total	223	100,0

n = frequência; % = percentagem.

Na Tabela 6 apresentamos os resultados médios nas dimensões da SELFCS e da FSCRS. De acentuar o valor médio muito superior do *eu inadequado* (FSCRS) por comparação com o do *eu detestado* (FSCRS). Nas dimensões da SELFCS verificam-se valores médios muito aproximados, mas os valores médios mais elevados foram da dimensão *autocrítica, isolamento* e *mindfulness.* Analisando o valor médio da pontuação total da SELFCS, a média de 3,17 (*DP* = 0,59) remete para um nível moderado de autocompaixão na nossa amostra.

Tabela 6
Médias da FSCRS e da SELFCS

	M (DP)	**Intervalo Teórico**	**Intervalo**
Eu Inadequado	13,77 (7,42)	0-36	0-36
Eu Detestado	2,52 (3,18)	0-32	0-20
Autocriticismo Total	16,28 (9,78)	0-56	0-55
Eu Tranquilizador	18,31 (6,59)	0-20	0-32
Calor/Compreensão	2,97 (0,78)	5-25	5-25
Autocrítica	3,30 (0,74)	5-25	5-20
Condição Humana	3,12 (0,73)	4-20	4-20
Mindfulness	3,21 (0,80)	4-20	4-20
Sobreidentificação	3,17 (0,77)	4-20	4-20
Isolamento	3,25 (0,86)	4-20	4-20
SELFCS Total	3,17 (0,59)	32-120	32-120

M = Média; *DP* = Desvio-padrão.

andreiafvd@hotmail.com

3. RESULTADOS

3.1. Distribuição das respostas aos itens da ETI

Nas Tabelas 7 e 8 apresentamos a distribuição das respostas aos itens da Escala de Intolerância à Infidelidade, na primeira administração e no reteste (passadas quatro semanas).

Tabela 7
Distribuição de respostas aos itens (1ª administração).

Escala de Tolerância à Infidelidade *n* = 223	**Ext. provável deixar (1)** *n* (%)	**(2)** *n* (%)	**(3)** *n* (%)	**(4)** *n* (%)	**(5)** *n* (%)	**(6)** *n* (%)	**Ext. provável permanecer (7)** n (%)	***M (DP)***
1…confessasse ter-se envolvido sexualmente…	115 (51,6)	41 (18,4)	22 (9,9)	21 (9,4)	12 (5,4)	7 (3,1)	5 (2,2)	2,17 (1,59)
2…admitisse ter sentimentos por um colega…	81 (36,3)	47 (21,1)	40 (17,9)	24 (10,8)	15 (6,7)	8 (3,6)	8 (3,6)	1,62 (0,869)
3…casados e tivéssemos filhos... ter-me traído uma vez…	76 (34,1)	39 (17,5)	33 (14,8)	36 (16,1)	22 (9,9)	10 (4,5)	7 (3,1)	1,26 (0,583)
4…admitisse ter tido um caso no início do relacionamento…	72 (32,3)	57 (25,6)	31 (13,9)	28 (12,6)	16 (7,2)	13 (5,8)	6 (2,7)	1,69 (0,917)
5…admitisse ter beijado alguém numa ocasião…	46 (20,6)	52 (23, 3)	33 (14,8)	36 (16,1)	27 (12,1)	17 (7,6)	12 (5,4)	1,4 (0,784)
6…admitisse ter-se apaixonado por outra pessoa…	59 (26,5)	50 (22,4)	36 (16,1)	37 (16,6)	22 (9,9)	10 (4,5)	9 (4,0)	1,96 (0,836)
7…estivesse a ter um caso… prometesse terminá-lo…	131 (58,7)	34 (15,2)	30 (13,5)	13 (5,8)	8 (3,6)	5 (2,2)	2 (0,9)	1,34 (0,713)
8…me traísse uma vez e estivéssemos… a ter o primeiro filho…	83 (37,2)	57 (25,6)	19 (8,5)	34 (15,2)	14 (6,3)	10 (4,5)	6 (2,7)	1,8 (2,36)
9...marido/esposa … ter sexo casual sem significado com outras pessoas…	178 (79,8)	19 (8,5)	8 (3,6)	7 (3,1)	3 (1,3)	4 (1,8)	4 (1,8)	2,02 (0,495)
10…admitisse ter beijado outra pessoa…	76 (34,1)	54 (24,2)	35 (15,7)	29 (13,0)	13 (5,8)	11 (4,9)	5 (2,2)	1,18 (0,532)
11…marido/esposa …apaixonado(a) por outra pessoa casada…	88 (39,5)	52 (23,3)	27 (12,1)	27 (12,1)	18 (8,1)	7 (3,1)	4 (1,8)	1,51 (0,771)
12…admitisse que preferia estar com outra pessoa…	177 (79.4)	15 (6,7)	11 (4,9)	11 (4,9)	5 (2,2)	1 (0,4)	3 (1,3)	2,02 (0,915)

n = frequência; % = percentagem; *M* = Média; *DP* = Desvio-padrão.; *1 = Extremamente provável deixar*; 4 = Misto/Neutro; *7 = Extremamente provável permanecer*

andreiafvd@hotmail.com

Tabela 8
Distribuição de respostas aos itens (Reteste).

Escala de Tolerância à Infidelidade *n* = 29	**Ext. provável deixar (1)** *n* (%)	**(2)** *n* (%)	**(3)** *n* (%)	**(4)** *n* (%)	**(5)** *n* (%)	**(6)** *n* (%)	**Ext. provável permanecer (7)** n (%)	***M (DP)***
1…confessasse ter-se envolvido sexualmente…	12 (41,4)	8 (27,6)	-	5 (17,2)	3 (10,3)	-	1 (3,4)	2,41 (1,69)
2…admitisse ter sentimentos por um colega…	9 (31,0)	4 (13,8)	4 (13,8)	7 (24,1)	1 (3,4)	-	4 (13,8)	3,10 (2,02)
3…casados e tivéssemos filhos... ter-me traído uma vez…	9 (31,0)	4 (13,8)	3 (10,3)	1 (3,4)	5 (17,2)	6 (20,7)	1 (3,4)	3,38 (2,13)
4…admitisse ter tido um caso no início do relacionamento…	9 (31,0)	2 (6,9)	5 (17,2)	5 (17,2)	2 (6,9)	4 (13,8)	2 (6,9)	3,31 (2,04)
5…admitisse ter beijado alguém numa ocasião…	6 (20,7)	4 (13,8)	2 (6,9)	5 (17,2)	1 (3,4)	6 (20,7)	5 (17,2)	4,00 (2,25)
6…admitisse ter-se apaixonado por outra pessoa…	8 (27,6)	2 (6,9)	6 (20,7)	6 (20,7)	1 (3,4)	3 (10,3)	3 (10,3)	3,38 (2,03)
7…estivesse a ter um caso… prometesse terminá-lo…	14 (48,3)	4 (13,8)	2 (6,9)	5 (17,2)	1 (3,4)	2 (6,9)	1 (3,4)	3,38 (2,03)
8…me traísse uma vez e estivéssemos… a ter o primeiro filho…	10 (34,5)	4 (13,8)	2 (6,9)	2 (6,9)	4 (13,8)	5 (17,2)	2 (6,9)	3,31 (2,21)
9…marido/esposa… ter sexo casual sem significado com outras pessoas…	20 (69,0)	5 (17,2)	2 (6,9)	-	-	1 (3,4)	1 (3,4)	1,69 (1,47)
10…admitisse ter beijado outra pessoa…	4 (13,8)	7 (24,1)	1 (3,4)	9 (31,0)	2 (6,9)	5 (17,2)	1 (3,4)	3,59 (1,80)
11…marido/esposa …apaixonado(a) por outra pessoa casada…	9 (31,0)	3 (10,3)	4 (13,8)	7 (24,1)	4 (13,8)	-	2 (6,9)	3,07 (1,83)
12…admitisse que preferia estar com outra pessoa…	20 (69,0)	4 (13,8)	-	2 (6,9)	-	-	3 (10,3)	1,97 (1,92)

n = frequência; % = percentagem; *M* = Média; *DP* = Desvio-padrão; *1 = Extremamente provável deixar*; 4 = Misto/Neutro; *7 = Extremamente provável permanecer*

3.2. Fidelidade

Poder discriminativo/validade interna dos itens

O poder discriminativo/validade interna dos itens, ou seja, o grau em que o item diferencia no mesmo sentido do teste global (Almeida & Freire, 2003), dado pelas correlações entre cada item e o total corrigido (excluindo o item), assim como os coeficientes α excluindo um a um os itens aparece na Tabela 9. Esta mostra que todos os itens podem ser considerados "bons" itens, pois todos se correlacionam acima de 0,20 com o total (quando este não contém o item),

andreiafvd@hotmail.com

com coeficientes a variarem de 0,564 (item 12) a 0,784 (item 3) (Pasquali, 2003). A maioria dos itens cumpre mesmo o critério mais exigente, com um coeficiente superior a 0,30 (Kline, 2000).

Tabela 9. ***Correlação item-total corrigido e alfa excluindo o item***

Escala de Tolerância à Infidelidade	Correlação Item-Total Corrigido	Alfa excluindo o item
1…confessasse ter-se envolvido sexualmente…	0,688	0,923
2…admitisse ter sentimentos por um colega…	0,646	0,925
3…casados e tivéssemos filhos... ter-me traído uma vez…	0,784	0,919
4…admitisse ter tido um caso no início do relacionamento…	0,724	0,922
5…admitisse ter beijado alguém numa ocasião…	0,767	0,920
6…admitisse ter-se apaixonado por outra pessoa…	0,708	0,923
7…estivesse a ter um caso… prometesse terminá-lo…	0,694	0,923
8…me traísse uma vez e estivéssemos… a ter o primeiro filho…	0,753	0,921
9…marido/esposa… ter sexo casual sem significado com outras pessoas…	0,612	0,926
10…admitisse ter beijado outra pessoa…	0,690	0,923
11…marido/esposa…apaixonado(a) por outra pessoa casada…	0,713	0,922
12…admitisse que preferia estar com outra pessoa…	0,564	0,928

3.3. Consistência interna e análise fatorial

Realizamos uma análise de componentes principais. O teste *Kaiser–Meker–Oklin Measure of Sampling Adequacy* (KMO) e o valor do *Bartlett's Test of Sphericity* permitiram-nos verificar a adequabilidade dos dados para realização desta análise. O KMO deve ser ≥ 0,6 e o valor encontrado foi de 0,904. Para o *Bartlett's Test of Sphericity* ser significativo deve ser ≤ 0,05 e esta análise atingiu a significância estatística ($p < 0,001$). Ao explorar a respetiva tabela e o *screeplot* de Catell verificamos a presença de 3 fatores que, pelo respetivo conteúdo, se tornavam dificilmente interpretáveis. Atendendo à dificuldade de interpretar os 3 fatores encontrados, forçámos a análise a dois fatores. A análise de componentes principais e o *screeplot* revelou, então, uma estrutura de 2 fatores que explicavam respetivamente 56,4% e 9,5% da variância. Na Tabela 10 apresentamos as saturações de cada item nos dois fatores. Apenas existiu dúvida quanto ao item 5, que pareceu apresentar maior saturação no Fator 1. Porém, dado o seu conteúdo, optamos por considerá-lo como pertencente ao Fator 2. Encontrámos, então, 2 fatores (sobreponíveis aos da versão original de Lavelle, 2013), compostos pelos seguintes itens:

Fator 1. Tolerância à infidelidade sexual: 1, 3, 4, 7, 8, 9

Fator 2. Tolerância à infidelidade emocional: 2, 5, 6, 10, 11, 12.

andreiafvd@hotmail.com

Tabela 10. ***Saturações dos itens da Escala de Intolerância à Infidelidade por Fator.***

	Fator 1 **Tolerância à Infidelidade Sexual**	**Fator 2** **Tolerância à Infidelidade Emocional**
Item 1	0,807	0,196
Item 2	0,292	0,749
Item 3	0,782	0,353
Item 4	0,812	0,235
Item 5	0,732	0,389
Item 6	0,323	0,796
Item 7	0,711	0,321
Item 8	0,774	0,328
Item 9	0,580	0,363
Item 10	0,504	0,557
Item 11	0,264	0,876
Item 12	0,260	0,674

Considerando a consistência interna de cada dimensão, a *tolerância à infidelidade sexual* apresentou um alfa de Cronbach de α = 0,896 (boa) e a *tolerância à infidelidade emocional* um alfa de Cronbach de α = 0,878 (boa) (Pestana & Gageiro, 2008). De seguida, somamos as pontuações dos itens de cada fator, quanto à primeira administração e ao reteste. Na Tabela 11 apresentamos as médias e desvios padrão de cada dimensão nos dois momentos. Realizámos correlações de *Pearson* entre as dimensões (entre si) para verificar a estabilidade temporal (Tabela 12). Os valores encontrados indicam uma correlação grande (Cohen, 1992), muito abonatória deste parâmetro (*tolerância à infidelidade sexual*, *r* = 0,879; *tolerância à infidelidade emocional*, *r* = 0,940). As dimensões também se correlacionam com a outra (sexual com emocional) com magnitude grande, na primeira administração e no reteste.

Tabela 11. ***Médias e desvio padrão dos fatores Tolerância à Infidelidade Sexual e Tolerância à Infidelidade Emocional (1ª administração e reteste)***

	M (DP)
Tolerância à Infidelidade Sexual (1ª Administração)	13,51 (7,56)
Tolerância à Infidelidade Emocional (1ª Administração)	15,16 (7,57)
Tolerância à Infidelidade Sexual (reteste)	16,59 (9,59)
Tolerância à Infidelidade Sexual (reteste)	19,10 (9,42)

M = Média; *DP* = Desvio-padrão.

Tabela 12. ***Correlação entre as dimensões da Escala de Intolerância à Infidelidade***

Correlações	**Tolerância à Infidelidade Sexual RT**	**Tolerância à Infidelidade Emocional 1ª adm.**	**Tolerância à Infidelidade Emocional RT**
Tolerância à Infidelidade Sexual 1ª adm.	0,879**	0,723**	0,743**
Tolerância à Infidelidade Sexual RT	-	0,655**	0,734**
Tolerância à Infidelidade Emocional 1ªadm.	-	-	0,940**

andreiafvd@hotmail.com

**<0,05; **p<0,001; NS=Não significativo; 1ª adm. = 1ª administração; RT = reteste*

3.4. Diferenças de sexo nas diferentes dimensões da SELFCS, FSCRS e ETI e associações entre as dimensões da ETI e as dimensões da SELFCS e da FSCRS

Para estudar as diferenças de sexo nas diferentes variáveis do estudo, recorreu-se a testes t de Student. Neste contexto, foi possível verificar não existirem diferenças estatisticamente significativas por sexo nas variáveis *calor/compreensão* (SELFCS), *condição humana* (SELFCS), *eu tranquilizador* (FSCRS) e *tolerância à infidelidade sexual* e *tolerância à infidelidade emocional.* As mulheres apresentaram pontuações estatisticamente mais elevadas nas dimensões *eu inadequado* (t = -3,733; $p \leq 0$,001; mulheres M = 14,96, DP = 7,38; homens, M = 11,04, DP = 6,81), *eu detestado* (t = -2,032; $p \leq 0$,043; mulheres M = 2,80, DP = 3,23; homens, M = 1,87, DP = 2,96) e *autocriticismo total* (t = -3,495; $p \leq 0$,001; mulheres M = 17,76, DP = 9,79; homens, M = 12,91 DP = 8,24). Por outro lado, os homens apresentaram valores mais elevados de *autocrític*a (t = -3,534; $p \leq$0,001; mulheres, M = 3,19; DP = 0,73; homens, M = 3,56, DP = 0,72), *mindfulness* (t = -3,390; $p \leq$0,001; homens, M = 3,47, DP = 0,71; mulheres, M = 3,09; DP = 0,81), *sobreidentificação* (t = -4,460; $p \leq$0,000; homens, M = 3,51, DP = 0,72; mulheres, M = 3,03; DP = 0,75) e *isolamento* (t = - 2,674; $p \leq$0,008; homens, M = 3,47, DP = 0,86; mulheres, M = 3,15; DP = 0,84) (Tabela 13).

Tabela 13. Testes t de Student: *diferenças nas variáveis centrais do estudo por sexo.*

Variável	*M (DP)*		*t*	*p*
SELFCS	Homens	Mulheres		
Calor/Compreensão	3,02 (0,70)	2,95 (0,81)	-0,590	NS
Autocrítica	3,56 (0,72)	3,19 (0,73)	-3,534	≤0,001
Condição Humana	3,22 (0,66)	3,08 (0,75)	-1,404	NS
Mindfulness	3,47 (0,71)	3,09 (0,81)	-3,390	≤0,001
Sobreidentificação	3,51 (0,72)	3,03 (0,75)	-4,460	≤0,001
Isolamento	3,47 (0,86)	3,15 (0,84)	-2,674	0,008
SELFCS Total	3,37 (0,51)	3,08 (0,61)	-3,450	≤0,001
Eu Inadequado	11,04 (6,81)	14,96 (7,38)	3,733	≤0,001
Eu Detestado	1,87 (2,96)	2,80 (3,23)	2,032	0,043
Eu Tranquilizador	12,44 (6,34)	17,81 (6,65)	-1,706	NS
Autocriticismo total	12,91 (8,24)	17,76 (9,79)	3,495	≤0,001
Tolerância à infidelidade sexual	13,66 (8,91)	13,45 (6,92)	-0,178	NS
Tolerância à infidelidade emocional	15,62 (8,47)	14,95 (7,16)	-0,563	NS

n = frequência; % = percentagem; *M* = Média; *DP* = Desvio-padrão; *t* = teste t de Student; *p* = nível de significância

De seguida, realizamos correlações de Pearson entre as dimensões de *tolerância* à *infidelidade* e as dimensões da SELFCS (c*alor/compreensão*; *condição humana*) e da FSCRS (*eu tranquilizador*) que não revelaram diferenças por sexo (portanto, na amostra total). Não foram encontradas associações estatisticamente significativas em nenhum dos sexos.

andreiafvd@hotmail.com

Validade de Construto

Fomos explorar diferenças e associações em termos de *tolerância à infidelidade* (sexual e emocional) tendo em conta e com diferentes variáveis sociodemográficas, relacionais e relativas à infidelidade (através de correlações de Pearson e Spearman, testes t de Student e U de Mann Whitney). Apenas se encontraram diferenças por estado civil e pela variável *"foi difícil perdoar*". Verificou-se que os participantes casados ou em união de facto apresentaram pontuações estatisticamente mais elevadas na *tolerância à infidelidade sexual (*t= -1,951; $p\leq$0,052; casados/união de facto, M = 14,92, DP = 8,54; solteiros, M = 12,82; DP = 6,96), por oposição com os solteiros, viúvos, separados e divorciados. Verificou-se, também, que quem revelou dificuldade em perdoar apresentou menor *tolerância à infidelidade sexual (*U = 43,000; $p \leq$0,009; sim, Md = 12,0; não, Md = 24,0) e *emocional (*U= 47,015; $p \leq$0,015; sim, Md = 14,00; não, Md = 19,0), do que quem não revelou dificuldade em perdoar.

Discussão

Atendendo à ausência de instrumentos adaptados e validados para a população portuguesa no âmbito da infidelidade e da tolerância à infidelidade foram nossos principais objetivos adaptar e validar a Escala de Tolerância à Infidelidade e explorar associações entre a tolerância à infidelidade, variáveis sociodemográficas, relacionais e relativas à infidelidade e o autocriticismo e a autocompaixão. Mas antes de discutirmos alguns dos resultados centrais deste estudo, importa atentar em algumas características da nossa amostra.

Assim, constatamos que foi composta por 223 indivíduos, com idades compreendidas entre os 18 e os 67 anos. A maioria dos participantes era do sexo feminino (n = 155; 69,5%). Segundo dados obtidos do Instituto Nacional de Estatística (INE, 2011), em Portugal, em diferentes grupos etários o sexo feminino domina (com diferenças percentuais de cerca de 2% a 3%). Assim, concluímos que, no que toca a esta característica, a nossa amostra não é representativa da população portuguesa. Se na nossa amostra cerca de metade dos participantes revelou possuir uma licenciatura (n = 103; 46,2%), segundo o INE (2011), apenas 12% dos portugueses frequentaram o ensino superior. Mais uma vez, constatamos a não representatividade da nossa amostra em relação à população portuguesa. Quanto ao estado civil, se na nossa amostra se verificou ser mais prevalente o estado civil solteiro(a) (n = 130; 58,3%), de acordo com o INE (2011) 47,0% da população portuguesa é solteira, voltando a verificar-se a não total equivalência da nossa amostra, relativamente à população portuguesa. Quanto à orientação sexual, na nossa amostra, a maioria revelou ser heterossexual (n = 214; 96,0%). Não tendo encontrado dados fornecidos pelo INE, tal torna difícil uma análise comparativa. Ainda assim,

andreiafvd@hotmail.com

queremos acreditar que este dado não reflete a realidade em termos de orientação sexual no nosso país. Importa, ainda, referir, que a autora teve *feedback* de pessoas que se definiram como homossexuais que afirmaram não se sentir confortáveis a responder a algumas perguntas do protocolo, não tendo participado no estudo.

Analisando agora algumas das questões colocadas sobre a traição, o motivo mais referido para trair pelos participantes foi a saturação com a sua relação. Estes resultados vão ao encontro dos de diversos estudos (Mark, Janseen e Milhausen, 2009; Martins, 2012), que também apontaram como motivo principal do envolvimento extraconjugal a saturação com a relação. Da mesma forma, vários estudos (Atkins, Baucom e Jacobson, 2001; Buss e Shackerford, 1997; Drigotas, Saftstrom e Gentilia, 1999; Shackerford, Besser e Goetz, 2008) evidenciaram associações entre a insatisfação no relacionamento e o envolvimento extraconjugal. Deste modo, quanto maior a insatisfação na relação, maior parece ser a predisposição para a infidelidade (emocional e sexual). Em relação ao arrependimento, verificamos que a maioria dos participantes (n = 18; 36,7%) que traíram revelaram ter sentido arrependimento. Numa amostra de 159 participantes do sexo masculino 239 do sexo feminino, a maioria dos participantes também revelou ter-se arrependido da traição, não havendo diferenças por sexo a este nível (Galperin et al., 2013). Em relação à traição cometida pelo companheiro(a), 40,4% dos nossos inquiridos revelaram ter conhecimento do ocorrido. Flanignan (2007) reportou que no seu estudo apenas 6,9% souberam ser traídos (com idades entre os 15 e os 22 anos), em relações de curta duração. Relativamente aos motivos que levaram os nossos participantes a perdoar a traição, a maioria da nossa amostra revelou que perdoou o seu companheiro(a) por amor e por dependência emocional. Este último resultado vai ao encontro de estudos (Flanignan, 2007; Borsntein, 2006) que salientam também níveis maiores de dependência emocional como uma das variáveis que influencia a tolerância à infidelidade. Hipotetizamos que o medo de o indivíduo não voltar a ser amado e de não conseguir cuidar de si mesmo, possa influenciar a decisão de tolerar a infidelidade. Quanto ao relato dos participantes de divórcio dos seus pais devido a infidelidade (36,7%), também no estudo de Hall e Fincham (2006), ainda que a questão fosse relativa aos próprios e não aos seus pais, a maioria dos participantes terminou a sua relação devido a um envolvimento extraconjugal. Assim, faz sentido afirmar que uma percentagem relevante de relações possa, de facto, terminar, devido a envolvimentos extraconjugais (embora faltem, naturalmente, nesta "equação" outras variáveis explicativas).

Discutindo agora os resultados do nosso principal objetivo, relativos ao estudo preliminar de adaptação e validação da Escala de Tolerância à Infidelidade (ETI), quanto à estrutura fatorial da escala, depois de uma estrutura fatorial de 3 fatores não ter sido entendível e depois

andreiafvd@hotmail.com

de explorarmos uma estrutura fatorial de dois fatores, como sucedia com a versão original, foram encontradas as dimensões tolerância à infidelidade sexual e tolerância à infidelidade emocional, que explicaram 56,4% e 9,5% da variância, respetivamente. A ETI revelou, ainda, uma boa consistência interna/fidelidade, com um alfa de Cronbach de 0,896 na dimensão tolerância à infidelidade sexual e com um alfa de Cronbach de 0,878 na dimensão tolerância à infidelidade emocional. Os valores obtidos permitem constatar que a ETI é fidedigna a medir o que se pretende avaliar (Almeida e Freire, 2008). O presente estudo vai ao encontro dos resultados do estudo original com valores de alfa Cronbach de 0,78 e 0,73 nas dimensões tolerância à infidelidade sexual e tolerância à infidelidade emocional, respetivamente (Lavelle, 2013). Em relação à estabilidade temporal, os valores obtidos para a tolerância à infidelidade sexual e tolerância à infidelidade emocional foram respetivamente bom e muito bom, algo muito abonatório no que toca a este parâmetro.

Importa agora discutir a ausência de diferenças estatisticamente significativas por sexo no que toca à tolerância à infidelidade, que talvez possa ter sido condicionada pelo número reduzido de elementos do sexo masculino na nossa amostra (por oposição a um número muito maior de mulheres). Embora não fosse totalmente expectável, os nossos resultados contrariam a ideia da tolerância à infidelidade à luz da teoria evolucionária (Buss, 1999). Nesta linha, os nossos resultados são divergentes em relação aos de outros estudos encontrados. Lavelle (2013) mostrou que a tolerância emocional foi menor nas mulheres, ao passo que nos homens a tolerância à infidelidade sexual foi menor, face a uma situação de traição. Por oposição, se a maioria dos estudos aponta para uma maior sensibilidade das mulheres à infidelidade emocional e dos homens à traição sexual, alguns estudos apontam para a inexistência de diferenças a este nível. Sabini e Green (2004) numa amostra de 102 mulheres e 80 homens também não identificaram diferenças entre sexos no que toca à tolerância à infidelidade, apesar de mencionar ser mais provável, ambos saírem da relação no caso de uma infidelidade emocional. Outros estudos (Harris, 2003; Lishner, Nguyer, Stocks e Zilmer, 2008; Carpenter, 2012; Urooj, Haque e Anjum, 2015) encontraram resultados semelhantes, contrariando a teoria evolucionária. Pensamos ser possível hipotetizar que, pela polémica do tema do presente estudo nem todos os participantes possam ter respondido honestamente à ETI, o que pode ter condicionado a ausência de diferenças estatisticamente significativas (isto para além do número menor de participantes do sexo masculino, já referido).

Quanto às dimensões da SELFCS (*calor/compreensão* e *condição humana)* e da FSCRS (*eu autotranquilizador),* verificámos não existir diferenças por sexo. Castilho e Pinto e Gouveia (2011a) também referem não existir diferenças por sexo no *eu tranquilizador*. No entanto, Neff

andreiafvd@hotmail.com

(2003a) salientou diferenças por sexo na *condição humana* (mais elevada nas mulheres) e *calor/compreensão* (mais elevado nos homens). Na nossa amostra também se verificou que as mulheres obtiveram pontuações mais elevadas no *eu inadequado, eu detestado* e *autocriticismo total*, enquanto que os homens obtiveram pontuações mais elevadas na *autocrítica, mindfulness, sobreidentificação* e *isolamento*. Os nossos resultados vão ao encontro do estudo de Buscher (2012) que, numa amostra de 455 estudantes com idades entre os 18 e os 39 anos de idade, concluiu que os homens obtiveram pontuações mais elevadas nas dimensões *autocrítica, sobreidentificação* e *isolamento*, com exceção da dimensão *autocrítica* (na qual as mulheres obtiveram pontuações mais elevadas), em comparação com os homens. Também o estudo de Castilho e Pinto e Gouveia (2011a) numa amostra com 263 indivíduos (com 18 e 25 anos), salientaram que as mulheres tinham valores mais elevados na dimensão *eu inadequado*. Destaca-se ainda que estes investigadores não encontraram diferenças entre sexos nas dimensões *eu detestado*. É de destacar, ainda, que nas nossas análises, as mulheres apresentam pontuações na escala da SELFCS total inferiores, em relação aos homens. Por sua vez, Neff (2003a) também mostrou que as mulheres apresentaram menores níveis de autocompaixão. Estes resultados vão ao encontro do estudo realizado por Yarnell e colaboradores (2015) numa amostra de 13339 participantes com idades entre os 15 e os 73 anos, no qual as mulheres também apresentaram níveis mais baixos de autocompaixão em comparação com os homens. Neste sentido, podemos concluir que mulheres tendem a ter mais dificuldade em ser mais compassivas e tolerantes consigo próprias, do que os homens.

Verificaram-se correlações estatisticamente negativas nas dimensões de tolerância à infidelidade (sexual e emocional) e nas dimensões de autocriticismo e de autocompaixão. De facto, atendendo a que diferentes estudos apontam que maiores níveis de autocriticismo e menores níveis de autocompaixão dificultam a capacidade do próprio tolerar as suas falhas e erros, bem como as falhas e erros dos outros (Zuroff, Moskowitz e Côté, 1999; Neff, 2003b; Thompson e Zuroff, 2004) seria expectável que aqueles níveis mais baixos de tolerância à infidelidade se associassem a níveis mais elevados de autocriticismo e menores de autocompaixão. A este nível, talvez, mais uma vez, a temática central do estudo, tenha impedido a total honestidade na resposta à escala ETI e, por outro lado, a verdade é que as escalas SELFCS e FCSRS ao avaliarem as variáveis autocriticismo e autocompaixão (direcionadas, portanto, para o próprio), podem falhar em avaliar o peso/influência do heterocriticismo e da compaixão face ao outro, pelo menos ao nível da tolerância à infidelidade. Talvez pudesse ser importante, em estudos futuros, utilizar medidas direcionadas para a compaixão e o heterocriticismo para verificar se os resultados se mantinham. Por outro lado,

andreiafvd@hotmail.com

estes resultados parecem apontar para o facto de outras variáveis poderem ser bem mais influentes/determinantes para a tolerância à infidelidade, especificamente as variáveis situacionais, os traços de personalidade (Blow e Harnnett, 2005; Lavelle, 2013), os estilos de vinculação, a satisfação no relacionamento (Cann e Baucom, 2004), dependência económica e emocional (Borsntein, 2006), assim como a paixão, as recompensas emocionais e os conflitos (Flanignan, 2007).

Quanto à exploração de associações entre diferentes variáveis sociodemográficas (para além do sexo), relacionais e relativas à infidelidade e a tolerância à infidelidade, verificámos que os indivíduos casados ou a coabitarem apresentaram maior tolerância à infidelidade sexual. Estes resultados são congruentes com o estudo de Lavelle (2013), que concluiu que os homens casados têm maior probabilidade de tolerar os dois tipos de infidelidade (emocional e sexual), em comparação com as mulheres. No nosso estudo, dado não termos encontrados diferenças por sexo na tolerância à infidelidade, exploramos esta associação na amostra total, constatando que estar casado ou viver em união de facto parece conduzir a uma maior tendência para tolerar a infidelidade em ambos os sexos. Estes resultados parecem estar relacionados com os altos níveis de compromisso e investimento emocional (Lavelle, 2013), bem como com a eventual dependência financeira e emocional que os indivíduos casados parecem exibir, em comparação com os indivíduos solteiros, e que os pode conduzir a, mais facilmente, tolerar a infidelidade (não podendo ser esquecida a eventualidade da presença de filhos poder estar associada, também, a esta maior tolerância face à traição). Viegas e Moreira (2013) relatam que os indivíduos solteiros (que nunca namoraram ou nunca estiveram numa relação), revelaram desvalorizar mais cenários de envolvimento emocional e sexual, em situação de traição (toleram mais a traição). Este estudo contraria os resultados encontrados. Pensamos que este cenário é viável, dado que os indivíduos casados ou a coabitarem poderiam percecionar negativamente a traição, já que o casamento implica um grau de compromisso, tornando assim, a infidelidade menos suportável. No que diz respeito à dificuldade em perdoar, verificou-se que quem teve maior facilidade em perdoar (n = 27; 75,0%) apresentou maior tolerância à infidelidade sexual. Estes resultados são convergentes com o estudo de Shackelford, Buss e Bennet (2002) que mostrou que, em ambos os sexos, uma menor facilidade em perdoar (embora a prevalência tenha sido mais elevada nos homens), levaria a uma maior probabilidade de sair da relação tendo havido uma traição sexual.

Importa referir o quanto nos pareceu estranha a ausência de associações entre a tolerância à infidelidade e outras variáveis relacionais e relativas à traição. Ao contrário do que Lavelle (2013) referiu, que o facto de o indivíduo já ter sido traído ou ter traído influencia a

andreiafvd@hotmail.com

probabilidade de a infidelidade ser tolerada, não verificamos isso na nossa amostra. Adicionalmente, o nosso estudo não revelou associação entre a satisfação na relação e a tolerância à infidelidade. Tal faria sentido porque o indivíduo que trai o parceiro da relação primária pode querer colmatar as carências afetivas e satisfazer as necessidades emocionais em falta na relação primária (Lewandowsky e Ackerman, 2006). De facto, o estudo realizado por Shackerford e Buss (1992) reportou que os homens insatisfeitos tinham menos tendência a tolerar a infidelidade sexual e que as mulheres, neste caso, tinham níveis mais baixos de tolerância à infidelidade emocional. Também no nosso estudo, o tempo de duração da relação não se correlacionou com a tolerância à infidelidade. Porém, foi encontrado um estudo (Shackelford, 1997) que relata que os indivíduos casados num período inferior a 1 ano toleram menos a infidelidade. Isto pode dever-se ao facto da intimidade nos primeiros meses da relação estar ainda em fase de construção, pelo que os níveis de compromisso não são tão altos em comparação com relações de longa duração (Solomon e Knobloch, 2004). Mais uma vez, em relação a estes dois últimos resultados do nosso estudo, que não são totalmente congruentes com a literatura, dada a natureza do tema do nosso estudo, hipotetizamos que uma não total honestidade nas respostas possa ter condicionado os resultados.

Concluindo, o nosso estudo teve como principal objetivo validar e adaptar uma Escala de Tolerância à Infidelidade para a população portuguesa. Esta escala possui boas propriedades psicométricas e uma boa estabilidade temporal, pelo que pode ser utilizada em estudos, no futuro, que pretendam aumentar os conhecimentos no âmbito da infidelidade e da tolerância à infidelidade. Deste modo, sendo escassos os instrumentos em Portugal que abordem esta temática, a sua utilização permite conhecer e compreender melhor a tolerância à infidelidade e explorar os fatores a ela associados. Podem ser mencionadas algumas limitações neste estudo. De novo, um número maior de participantes do sexo feminino e o facto da nossa amostra não ser totalmente representativa da população portuguesa, diminuindo a validade externa do estudo e condicionando a generalização dos resultados. No futuro a obtenção de uma amostra mais representativa a este nível permitiria explorar este tema com mais segurança. Tratando-se de um estudo transversal, tal impede o estabelecimento de causalidade entre as variáveis (isto no que toca às análises que exploraram correlações e associações). Da mesma forma, muitas outras variáveis de natureza psicológica, que não o autocriticismo e autocompaixão, poderiam ter sido exploradas, em termos de associação com a tolerância à infidelidade. Apesar das limitações, este é o primeiro estudo de que temos conhecimento no nosso país que para além de ter oferecido um contributo para a adaptação e validação preliminar da ETI, permitiu

andreiafvd@hotmail.com

explorar associações entre a tolerância à infidelidade e variadíssimas variáveis sociodemográficas, relacionais e relativas à infidelidade/traição.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Atkins, D.C., Baucom, D.H., e Jacobson, N.S. (2001). Understanding Infidelity: correlates in a national random sample. *Journal of Family Psychology, 15*(4), 735-749.

Allen, E.S., e Baucom, D.H. (2006). Dating, marital and hypothetical extradyadic envolvements: How do they compare. *The Journal of Sex Research, 43*(4), 307-317.

Almeida, L. S. e Freire, T. (2008). *Metodologia da investigação em psicologia e educação* (4ª ed.). Braga: Psiquilíbrios Edições.

Amato, P.R., e Previti, D. (2003). People's reasons for divorcing. *Journal of Family Issues, 24*,(5), 602-626.

Baskin, T. W., & Enright, R. D. (2004). Intervention studies on forgiveness: A meta-analysis. *Journal of Counseling and Development, 82,* 79-80.

Beltrán-Morillas, A.M., Valor-Segura, I., e Expósito, F. (2015). El perdón ante trangressiones en las relaciones interpersonales, *Pyschosocial Intervention, 24*, 71-78.

Blow, A.J., e Hartnett, K. (2005). Infidelity in committed relationships II: a substantive review. *Journal of Marital and Family Therapy, 31*(2), 217-233.

Bornstein, R.F. (2006). The complex relationship between dependency and domestic violence: Converging psychological fators and social forces. *American Psychologist, 61,* 595-606.

Brand, R.J., Markey, C.M., Mills, A., e Hodges S.D. (2007). Sex differences in self reported infidelity and its correlates. *Sex Roles, 57,* 101-109.

Buscher, T. (2012). Memórias emocionais, Autocriticismo e Alexitimia: que contributo para a Psicopatologia. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade de Coimbra, Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação, Coimbra.

Buss, D. M. (1995). Psychological sex differences: Origins through sexual selection. *American Psychologist*, *50*(3), 164-168.

Buss, D. M., e Shackelford, T.D. (1997). Susceptibility to Infidelity in the first year of marriage. *Journal of Research in Personality, 31*, 193-221.

Buss, D.M., Shackelford, T.K., Kirkpatrick, L.A., Choe, J.C., Lim, H.K., Hasegawa, M., … Bennett, K. (1999). Jealousy and the nature of beliefs about infidelity: Tests of competing hypotheses about sex differences in the United States, Korea, and Japan. *Personal Relationships, 6*(1), 125-150.

andreiafvd@hotmail.com

Cann, A., e Bacuom, T. B. (2004). Former partners and new rivals as threats to a relationship: Infidelity type, gender and commitment as fators related to distress and forgiveness. *Personal Relationships, 11*, 305-318.

Carpenter, C.J. (2012). Meta-analyses of sex differences in responses to sexual versus emotional infidelity: Men and women are more similar than different. *Psychology of Women Quarterly, 36*(1), 25-37.

Castilho, P. (2011). *Modelos de relação interna: Autocriticismo e Autocompaixão. Uma abordagem evolucionária compreensiva da sua natureza, função e relação com a psicopatologia*. Dissertação de doutoramento, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.

Castilho, P., Gouveia, J.P., e Amaral, V. (2010). Recordação das experiências de ameaça e subordinação na infância e psicopatologia: o efeito mediador do auto-criticismo, *Psychologica, 52*(2), 475-498.

Castilho, P. e Pinto Gouveia, J. (2011a). Autocriticismo: Estudo de validação da versão portuguesa da escala das formas do autocriticismo e autotraquilização (FSCRS) e da escala das funções do autocriticismo e autoataque (FSCS). *Psychologica*, *54*, 63-86.

Castilho, P. e Pinto Gouveia, J. (2011b). Autocompaixão: Estudo da validação da versão portuguesa da escala da autocompaixão e da sua relação com as experiencias adversas na infância, a comparação social e a psicopatologia. *Psychologica*, *54*, 203-230.

Castro, M.G., Poeschl, G., e Coimbra, J.L. (2010). Fidelidade e infidelidade nas relações amorosas: padrões discursivos. *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*. Universidade do Minho, Portugal, 3593-3608.

Catell, R.B. (1966). The scree test for number of fators. *Multivariate Behavioral Research*, 1, 245-276.

Cohen, J. (1992). A power prime. *Psychological Bulletin*, *112*(1), 155-159. Obtido em http://drsmorey.org/bibtex/upload/Cohen:1992.pdf.

Drigotas, S.M, e Barta, W. (2001). The cheating heart: Scientific explorations of infidelity. *Current Directions in Psychological Science, 10*(5), 177-180.

Drigotas, S.M., Safstrom, C.A., e Gentilia, T. (1999). An investment model prediction of dating infidelity. *Journal of Personality and Social Psychology, 77*, 509-524.

Flanigan, C. M. (2007). *Staying with a partner who cheats: The influence of gender and relationship Dynamics on adolescents´ Tolerance of Infidelity*. Dissertação de mestrado, Universidade Bowling Green State, Estados Unidos.

andreiafvd@hotmail.com

Fife, S.T., Weeks, G.R., e Stellberg-Filbert, J. (2013). Facilitating forgiveness in the treatment of Infidelity: an interpersonal model. *Journal of Family Therapy, 35*, 343-367.

Galperin, A., Haselton, M.G., Frederick, D.A., Poore, J., Hippel, W.V., Buss, D.M., e Gonzaga, G. C. (2013). Sexual Regret: Evidence for Evolved Sex Differences. *Archives of Sexual Behaviour, 42*(7), 1145-1161.

Gilbert, P. (2005). Compassion and cruelty: A biopsychosocial approach. In P. Gilbert (Ed.), *Compassion: Conceptualisations, research and use in psychotherapy* (pp. 9-74). London: Routledge.

Gilbert, P. e Procter, S. (2006). Compassionate mind training for people with high shame and self-criticism: Overview and pilot study of a group therapy approach. *Clinical Psychology and Psychotherapy, 13*, 353-379.

Gilbert, P. (1995). Biopsychosocial approaches and evolutionary theory as aids to integration in clinical psychology and psychotherapy. *Clinical Psychology and Psychotherapy, 2*, 135-156.

Gilbert, P., Clarke, M., Hempel, S., Miles, J., e Irons, C. (2004). Criticizing and reassuring oneself: An exploration of forms, styles and reasons in female students. *The British Jounal of Clinical Psychology*, *43*(1), 31-50.

Glass, S.P., e Wright, T.L. (1992). Justifications for extramarital relationships: The association between attitudes, behaviors, and gender. *Journal of Sex Research, 29*, 361-388.

Gunderson, P.R., e Ferrari, J.R. (2008). Forgiveness of sexual cheating in romantic relationships: effects of discovery method, frequency of offense, and presence of apology. *North American Journal of Psychology, 10*(1), 1-14.

Hall, J.H., e Fincham, F.D. (2006). Relationship dissolution following Infidelity: the roles of attributions and forgiveness. *Journal of Social and Clinical Psychology, 25*(5), 508-522.

Harris, C.R. (2003). Fators associated with jealousy over real and imagined infidelity: An examination of the social-cognitive and evolutionary psychology perspectives. *Psychology of Women Quarterly, 27,* 319-329.

Instituto Nacional de Estatística. (2011). *População residente*. Acedido em 13 de outubro, 2016, em http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_publicacao_det&contexto=pu&PUBLICACOESpub_boui=73212469&PUBLICACOESmodo=2&selTab=tab1&pcensos=61969554

Kaiser, H. (1970). A second generation: Little Jiffy. *Psychometrika, 35*, 401-415.

Kaiser, H. (1974). An index of fatorial simplicity. *Psychometrika, 39*, 31-3

andreiafvd@hotmail.com

Kerlinger, F. N. (1986). *Foundations of behavioral research* (3rd ed.). New York: Holt, Rinehard and Winston.

Leary, M.R., Tate, E.B., Adams, C.E., Allen, A.B. e Hancock, J. (2007). Self-compassion reactions to unpleasent self-relevant events: The implications of treating oneself kindly. *Journal of Personality and Social Psychology, 92*, 887-904.

Lishner, D.A., Nguyen, S., Stocks, E.L., e Zillmer, E. J. (2008). Are sexual and emotional infidelity equally upsetting to men and women? Making sense of forced-choice responses. *Evolutionary Psychology, 6*(4), 667-675.

Luo, S., Cartun, M.A., e Snider, A. G. (2010). Assessing extradyadic behaviour: A review, a new measure, and two new models. *Personality and Individual Differences, 49,* 155-163.

Martins, A.F.R.S. (2012). *Comportamentos extra-diádicos offline e online nas relações de namoro: Diferenças de género nos motivos, prevalência e correlatos.* Dissertação de mestrado não publicada, Universidade de Coimbra, Coimbra.

Martins, A., Pereira, M., Andrade, R., Dattilio, F.M., Narciso, I., Canavarro, M.C. (2015). Infidelity in dating relationships: Gender-specific correlates of face-to-face and online extradyadic involvement. *Archives of Sexual Behavior, 45*(1), 193-205. doi: 10.1007/s10508-015-0576-3.

Marks, M.J., e Fraley, R.C. (2006). Confirmation bias and the sexual double standard. *Sex Roles, 54*(1/2), 19-26.

Mark, K.P., Janssen, E., e Milhausen, R.R. (2009). Infidelity in heterossexual couples: demographic, interpersonal, and personality-related predictors of extradyadic sex. *Archives of sexual behavior, 40*(5), 971-982.

Melo, C., e Castro, C.G. (2011). Estilo de vinculação e relações extra-diádicas: Satisfação relacional e atitudes como mediadores. Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa, Portugal.

McCullough, M.E., Worthington, E.L. Jr., e Rachal, K. C. (1997). Interpersonal forgiving in close relationships. *Journal of Marital and Family Therapy, 73*, 321-336.

Lavelle, S. (2013). Tolerance for Infidelity: Exploring the fators that determine a person´s likehood of staying in a relationship where infidelity has occurred. Dissertação de doutoramento, Universidade de Adelphy, Estados Unidos da América.

Lewandowsky, G.W., e Ackerman, R.A. (2006). Something's Missing: Need fulfillment and self expansion as predictors of susceptibility to infidelity. *The Journal of Social Psychology, 146(*4), 389-403.

andreiafvd@hotmail.com

Neff, K.D. (2003a). Development and validation of a scale to measure self-compassion. *Self and Identity, 2,* 223-250.

Neff, K.D. (2003b). Self-compassion: An alternative conceptualization of a healthy attitude toward oneself. *Self and Identity, 2,* 85-102.

Neff, K.D., e Pommier, E. (2013). The relationship between self-compassion and other-focused concern among college undergraduates, community adults, and pacticing meditators. *Self and Identity, 12*(2), 160–176. http://doi.org/10.1080/15298868.2011.649546

Pais-Ribeiro, J.L. (2010). *Metodologia de investigação em psicologia e saúde* (3.ª ed.). Porto: Legis Editora.

Pallant, J. (2007). *SPSS: Survival manual* (3rd ed.). New York: Open University Press.

Pasquali, L. (2003). *Psicometria – Teoria dos Testes na Psicologia e Educação*. Petrópolis: Editora Vozes.

Pestana, M. H. e Gageiro, J. N. (2008). *Análise de dados para ciências sociais: a complementaridade do SPSS* (5ªed.). Lisboa: Edições Sílabo.

Sabini J. e Green, M.C. (2004). Emotional responses to sexual and emotional infidelity: constants and diferences across genders, samples, and methods. *Society for Personality and Social Psychology, 30*(11), 1375-1388. doi: 10.1177/0146167204264012.

Sagarin, B.D., Becker, D.V., Gaudagno, R.E., Nicastle, L.D., e Millevoi, A. (2003). Sex differences and similarities in jealousy: The moderating influence of infidelity experience and sexual orientation of the infidelity. *Evolution and Human Behaviour, 24,* 17-23.

Shackelford, T.K., e Buss, D.M. (1997). Antecipation of marital dissolution as a consequence of spousal Infidelity. *Journal of Social and Personal Relationships, 14*(6), 793-808.

Shackelford, T.K. (1997). Divorce as a consequence of spousal infidelity. *Journal of Social and Personal Relationships, 14(*6), 793-80.

Shackelford, T.K., Buss, D.M., e Bennett, K. (2002). Forgiveness or breakup: Sex differences in responses to a partner's infidelity. *Cognition and Emotion, 16*(2), 299-307.

Shackelford, T.K, Besser, A. e Goetz, A.T. (2008). Personality, marital satisfaction and probability of marital Infidelity. *Individual Differences Research, 6*(1), 13-25.

Solomon, D.H., e Knobloch, L.K. (2004). A model of relational turbulence: The role of intimacy, relational uncertainty, and interference from partners in appraisals of irritations. *Journal of Social and Personal Relationships, 21,* 795-81.

andreiafvd@hotmail.com

Snyder, D.K., Baucom, D.H., e Gordon, K. C. (2008). An integrative approach to treating infidelity. *The Family Journal*, *16*(4), 300-307.

Thompson, R., e Zuroff, D.C. (2004). The levels of self-criticism scale: comparative self-criticism and internalized self-criticism. *Personality and Individual Differences*, *36*, 419-430.

Treas, J., e Giesen, D. (2000). Sexual Infidelity among married and cohabiting americans. *Journal of Marriage and The Family*, *62*, 48-60.

Urooj, A., Haque, A., e Anjum, G. (2015). Perception of emotional and sexual infidelity among married men and women. *Pakistan Journal of Psychological Research, 30*(2), 421-439.

Viegas, T., e Moreira, J.M. (2013). Julgamentos de infidelidade: Um estudo exploratório dos seus determinantes. *Estudos de Psicologia, 18*(3), 411-418.

Yarnell, L.M., Stafford, R.E., Neff, K.D., Reilly, E.D., Knox, M.C., e Mullarkey, M. (2015). Meta-analysis of gender differences in self-compassion. *Self and Identity*, *14*(5), 499-520. DOI: 10.1080/15298868.2015.1029966.

Zuroff, D. C., Moskowitz, D. S., & Côté, S. (1999). Dependency, self-criticism, interpersonal behavior and affect: Evolutionary perspectives. *British of Clinical Psychology*, *38*, 231-250. doi: 10.1348/014466599162827.

andreiafvd@hotmail.com